

**“FRANKENSTEIN”, DE MARY SHELLEY
a busca do homem pela perpetuidade da vida**

Sueli de Fátima Alexandre Argôlo – UFG/Catalão¹
suelideftima.sueli.alexandre@gmail.com

RESUMO: O propósito desse artigo é retratar, em rápidas palavras, a concepção da sociedade do século XIX a respeito do progresso científico, bem como os respaldos dessa busca pela eternização da vida humana encarada e divulgada por meio do gênero literatura fantástica. Como corpus de análise, apoiado em textos teóricos, lançamos mão do romance “Frankenstein”, de Mary Shelley, provavelmente escrito entre os anos de 1816 e 1817.

Palavras chave: Ciência. Fantástico. Frankenstein. Reconstrução da vida.

Introdução

A pesquisa científica sempre foi um grande desafio, assim como também uma fonte de inspiração para o ser humano. A busca pela perfeição dos resultados foi, é, e sempre será o ponto de chegada dos pesquisadores, que são capazes de ultrapassar qualquer obstáculo para desvendar os segredos que compõem o universo e a vida, até então reservados apenas para Deus.

A ciência, por engendrar as mais diversificadas inovações tecnológicas, é vista como esperança para um “mundo melhor”, porém, por outro lado, as pesquisas científicas tendem a ultrapassar os limites éticos em busca de seus ideais (ROQUE E TEIXEIRA, 2001). Na atualidade nada mais nos assusta, pois todos os dias a mídia coloca diante de nós surpreendentes descobertas que prometem trazer melhoras para a humanidade que se encontra em graves crises de saúde física e mental. Porém, por volta do século XVIII e do século XIX, propriamente dito, a aceitabilidade aos projetos científicos não era tão fácil como hoje, até mesmo porque o pensamento religioso era predominante na época. Mas mesmo diante de todos os dogmas religiosos que diziam pertencer somente a Deus os segredos da vida e da morte, o pensamento humano se volta para a busca por respostas concretas aos mais

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás campos Catalão.
suelideftima.sueli.alexandre@gmail.com

diversificados questionamentos que atormentam a mente humana. E a literatura, assim como toda a arte, incorpora em si, por meio das mais belas imagens, essa busca do homem pelo desvendamento das obscuridades do universo e ao mesmo tempo o medo das respostas obtidas, como nos diz Roque e Teixeira (2001, p. 12):

Através dos tempos, a literatura tem dado voz aos medos e esperanças gerados pelas descobertas científicas e retratado as imagens e mitos em torno da própria ideia de ciência. A literatura fantástica, produzida desde a Antiguidade já havia especulado sobre os possíveis descaminhos do desenvolvimento tecnológico humano.

Inserida nesse contexto histórico do século XIX, a inglesa Mary Shelley, escreve *Frankenstein*, um romance de ficção científica situada no campo do gênero fantástico, um tipo de narrativa com origens baseadas no Realismo e no Iluminismo dos séculos XVIII e XIX, cujo propósito é narrar fatos que não podem ser explicados por meio da racionalidade e do pensamento crítico, como os monstros em forma de árvore, objetos falantes e a criação de pessoas a partir de membros retirados de corpos de defuntos, como ocorrem nessa obra.

Segundo Todorov (1992), o gênero fantástico busca explicar um fenômeno estranho por meio de causas de tipo natural e sobrenatural e a possibilidade de se hesitar entre esses dois fenômenos criou-se o efeito fantástico, possibilitando, assim, a explicação de ações não reais.

Além de ser considerado um dos primeiros romances gótico-psicológico do século XIX, “*Frankenstein*”, por preservar uma ambientação exótica à disposição da ciência, é visto também como uma das obras mais instigantes da literatura inglesa desse período. Baseado no mito de “Prometeu” foi publicado em 1818 não com o propósito de retomar o mito grego, mas relatar, por meio da literatura, sobre a busca da ciência da época pela perpetuidade da vida. Ao tentar recriar a vida humana em laboratório, o personagem Dr. Victor Frankenstein, tenta apossar do mistério divino de transformar a matéria inanimada em ser humano com capacidades vitais.

A autora aborda diversos temas ao longo do texto, entre eles a busca científica pela perfeição da matéria que compõem o corpo humano, a perpetuação da vida, a busca pelo desvendamento dos segredos da vida e da morte, realizado por Victor Frankenstein, bem como sua incapacidade de lidar com a própria criação e as mais diversas e inesperadas consequências de suas experiências científicas. A narrativa se inicia por meio de cartas escritas pelo capitão Robert Walton para sua irmã Saville enquanto ele comanda uma

expedição náutica que objetiva alcançar o Pólo Norte. Durante a viagem, o navio se encalha em águas geladas, deixando a tripulação temerosa quando, em determinado momento, avistam o “monstro” de Victor Frankenstein navegando em um trenó conduzido por cães. Quando o mar se agita liberando o navio para prosseguir viagem, a tripulação esperançosa por chegar ao destino antes programado, avista Victor Frankenstein que, ao ser recolhido, conta seu percurso histórico desde a infância em Genebra. Filho de aristocrata suíço e adolescente apaixonado pelas ciências naturais, Victor Frankenstein, quando universitário, desafia as leis naturais e parte em busca do objetivo de reconstrução da vida. Empenhado em descobrir os mistérios da criação e do universo, o jovem cientista sacrifica o contato com a família e a própria saúde (RADU, 1998), ao estudar febrilmente para encontrar o segredo da criação humana, assunto que se recusa a detalhar ao seu interlocutor, o capitão Walton.

²Titã da mitologia grega que foi um defensor da humanidade, conhecido por sua astuta inteligência, responsável por roubar o fogo de Zeus e o dar aos mortais.

No trecho abaixo, o cientista Frankenstein é otimista ao dizer que prosseguirá acirradamente na busca pelo conhecimento e preservação do corpo humano:

Tanto já foi feito, exclamou a alma de Frankenstein – mais, muito mais é o que alcançarei; seguindo os passos que já foram dados, serei pioneiro num outro caminho, explorarei poderes desconhecidos e revelarei ao mundo os mais profundos mistérios da criação (SHELLEY, 1999, p. 61).

A morte nunca foi bem vista pelo ser humano, por isso, a busca por tratamentos e medicamentos que retardam a degradação física esteve sempre em primeiro plano para os pesquisadores que tratam do assunto. No trecho acima percebemos que mesmo naquela época, considerada “atrasada”, se comparada com o progresso de hoje, a ciência já era capaz de realizar surpreendentes experiências. Percebemos, ainda, que o Dr. Frankenstein não parte do nada em sua “invenção”, ele da continuidade a projetos genéticos já existentes e cria novos mecanismos para permitir que seu plano de criação siga em frente.

A ciência, ao contrário da religião, se considera dona de si mesma, não mede esforços e ultrapassa a ética em busca do conhecimento dos segredos da constituição da natureza humana, a fim de criar meios de tornar o corpo mais resistente às inúmeras doenças que nos acometem todos os dias. Segundo Freud no texto “O estranho; O mal-estar na

civilização” (s/d) a decadência do corpo físico causa sofrimentos que atingem o intelecto e a vida social:

O sofrimento nos ameaça a partir [...] de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo podem dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

Então, sendo o ser humano um Ser pensante, é certo que buscará uma maneira de pelo menos amenizar os sofrimentos que acometem o conjunto corpo e alma. Imbuído por esta angústia de superação da morte, o Dr. Victor Frankenstein se dedica em criar um ser gigantesco a quem, pelos meios científicos, ele devolveria a vida, provando, assim, a capacidade da ciência de encontrar meios para retardar a morte física ou até mesmo devolvê-la a um corpo já em decomposição. No trecho citado a seguir observamos, por meio do discurso do personagem, que o poder conferido pela ciência é atrativo e quem dele se aproxima dificilmente consegue deixá-lo:

Quando me dei conta de que tinha nas mãos um poder tão assombroso, hesitei durante muito tempo acerca da forma como deveria utilizá-lo. Embora possuísse a capacidade de conferir a vida, preparar uma estrutura para recebê-la, com toda intrincada rede de fibras, músculos e veias, permanecia ainda uma tarefa de inconcebível dificuldade e esforço. Eu tinha dúvidas, a princípio, sobre se deveria tentar criar um ser como eu próprio, ou uma organização, contudo, estava exaltado demais por causa de meu primeiro sucesso para me permitir duvidar de minha competência para dar vida a um animal tão complexo e maravilhoso quanto o homem (SHELLEY, 1999, p. 66).

Observa-se que o cientista considera sua criatura um animal complexo e maravilhoso ao mesmo tempo, equiparando-o ao ser humano feito pelas mãos de Deus. Para Freud (s/d), um dos maiores pensadores sobre a dicotomia *corpo e alma*, ou a tricotomia *corpo, alma e espírito*, para quem assim acredita, a capacidade humana de dominar a natureza e dela extrair riquezas é extraordinária. Assim, Victor Frankenstein, na condição de cientista, busca atender aos desejos que impulsionam o ser humano a deixar de lado as concepções religiosas de mundo e a buscar respostas concretas para explicar a polarização vida e morte. Ainda segundo Freud (s/d), enquanto a religião se volta para o transcendental a fim de explicar a vida e suas concepções, a ciência busca prová-las via ocular, por meio de fatos concretos. Enquanto a religião busca resposta no transcendental para os anseios da alma, a ciência ousa, por meio da

empiricidade, provar que o ser humano é capaz de criar coisas incríveis quando se utiliza de sua inteligência. Na citação a seguir, Victor Frankenstein, quando já esboçava sua pesquisa para devolver a vida aos mortos, fala da busca acirrada por um resultado rápido e satisfatório:

Uma mente de capacidade moderada decerto alcançará uma grande competência dedicando-se a esses estudos; eu, que empenhava sem cessar num único objeto de pesquisa e dedicava-me exclusivamente a ele, progredi com tanta rapidez a ponto de ter feito, ao cabo de dois anos, algumas descobertas relativas à melhoria de certos instrumentos químicos que me trouxeram grande estima e admiração na universidade. [...] Um dos fenômenos que me atraía particularmente a atenção havia sido a estrutura do corpo humano – [...]. Familiarizei-me com a ciência da anatomia, mas não era suficiente; devia também observar a decomposição natural do corpo humano (SHELLEY, 1999, p. 64).

O personagem Victor, aqui, procura se assemelhar a Deus, quando faz uso de suas faculdades mentais superdotadas e de elementos da natureza para constituir vida a uma matéria que já se encontra em decomposição:

O que afirmo agora é verdadeiro, tanto quanto o sol que brilha no céu. [...] Após dias e dias de trabalho e cansaço inacreditáveis, consegui descobrir a causa da geração da vida; não, mais do que isso, tornei-me eu próprio capaz de dar vida à matéria inanimada. [...] A descoberta, contudo, era tão grandiosa e esmagadora que todos os passos através dos quais eu fora progressivamente conduzido a ela acabaram esquecidos, e eu só admirava o resultado. Algo que havia sido objeto de estudo e de desejo dos mais sábios homens desde a criação do mundo estava agora ao meu alcance (SHELLEY, 1999, p. 65).

Quando finaliza sua criação fantástica, Victor Frankenstein se orgulha do domínio sobre a natureza, porém, quando toma consciência do “monstro” que criou, se enoja e abandona-o, fugindo, simbolizando, ironicamente, a dicotomia entre uma ciência que é tida como boa, quando desenvolve recursos capazes de beneficiar a natureza e suas composições, e má, quando fere os limites humanos (ROQUE e TEIXEIRA, 2001). Pensando por este lado “Frankenstein”, de Mary Shelley, faz parte das obras literárias do século XIX que alertam sobre os possíveis perigos que os experimentos científicos relacionados à criação artificial da vida representam para a sociedade.

Para o Doutor Frankenstein, o melhor seria ignorar a vontade de busca pelo conhecimento do universo humano e suas constituições, porém, ele mesmo afirma que isso é um desejo quase indomável:

O ideal seria que o homem preservasse sempre uma mente calma e tranquila, e jamais permitisse que uma paixão ou um desejo transitório lhe perturbasse a paz. Se o estudo ao qual nos dedicamos tem a tendência de enfraquecer-nos as emoções e destruir nosso gosto pelos prazeres simples que nada pode corromper, então esse estudo é certamente inadequado à mente humana. [...] Quis por assim dizer, adiar tudo o que se referia a meus sentimentos ou afeições até que se completasse aquele grande objeto que engolia todos os meus hábitos naturais (SHELLEY, 1999, p. 68).

Mary Shelley procura, não só condenar o cientista ambicioso que busca glória pessoal, mas também criticar a permissividade da ciência que deu margem para Victor mergulhar no território da constituição física e sentimental humana, até então tida como perigoso e proibido, acarretando terríveis consequências para ele e toda a sua família, como observamos nos trechos abaixo:

- William, meu anjo querido! Este é o seu funeral, sua missa de réquiem!
Ao dizer essas palavras, percebi, na escuridão, um vulto que saiu furtivamente detrás de um grupo de árvores perto de mim; detive-me, olhando-o atentamente. Não podia estar enganado. O clarão de um relâmpago iluminou o vulto e revelou-me claramente suas formas; a estatura de um gigante e a deformidade do aspecto, mais horrendo do que seria possível num homem, no mesmo instante, informou-me de que era aquele desgraçado, o vil demônio a que eu dera vida. O que fazia ali? Tão logo o pensamento atravessou-me a imaginação, convenci-me de que era verdade; meus dentes tremiam, e tive que me encostar numa árvore, para apoiar-me. O vulto passou rapidamente por mim e eu o perdi de vista na escuridão (SHELLEY, 1999, p. 88).

A ciência, em qualquer época esteja, parece não ter controle sobre sua própria criação, dispõe de buscas e resultados, porém, as consequências são imprevisíveis. Para Shelley, ao aventurar em terrenos pantanosos, obscuros, considerados apenas de natureza e domínio divino, poderia a ciência, por desrespeitar os princípios éticos que sustentam a humanidade, trazer grandes conflitos capazes até mesmo de se virar contra os próprios cientistas, como ocorreu com Victor Frankenstein. Assim, o *Adão* construído pelo ser humano tornou-se um grande problema social e quando expulso do ambiente social ou Éden industrial, simbolicamente arrasta consigo o próprio criador, pois ele está mais entrelaçado à sua criatura do que imagina. Então, “Frankenstein” é uma grande ironia ao homem-deus, cuja soberba só se compara à incompetência. Segundo Roque e Teixeira (2001, p. 16):

Essa crítica à falta de balizamento ético da ciência, trazida na ambição desmedida de conhecimento materializado no personagem de Victor, é o que mais chama atenção na obra. [...]. É como se Mary Shelley antecipasse os valores apontados, quase cem anos mais tarde, pelo sociólogo Robert Merton na conceitualização do *ethos* científico.

Por não saber em que resultaria sua invenção, Victor Frankenstein não socializa sua criação, ao contrário, é muito bem escondida em seu laboratório até que escapa e foge para o meio social, caçando suas vítimas, dando início à via-crúcis de um jovem sonhador que ultrapassa os próprios limites para mergulhar nos segredos da vida humana, uma jornada de conquista e decepção, que representa para ele e a sociedade que o cerca, uma irreparável tragédia:

Ah! Nenhum mortal suportaria o horror daquele semblante. Uma múmia dotada de vida não seria tão medonha quanto aquele infeliz. [...]. Junto a esse horror, eu sentia a amargura do desapontamento; os sonhos que haviam sido meu alimento e meu agradável refúgio durante tanto tempo tornavam-se agora um inferno para mim; e a mudança fora tão rápida, tão completa a destruição! (SHELLEY, 1999, p. 71-72).

Victor se vê diante de uma realidade estarrecedora que ele mesmo não consegue controlar. Considerado o responsável pelas maldades de sua criatura, é lentamente consumido pela angústia e pela dor do arrependimento. Enquanto o criador se consome pela decepção, a criatura promete se vingar:

Maldito, maldito criador! Por que razão continuei vivo? Por que, naquele instante, não extinguiu a centelha de existência que você tão arbitrariamente concedera? (SHELLEY, 1999, p. 144).

O “monstro” insensível, agora está disposto a fazer uso de seu poder para dominar a mente humana que lhe deu vida:

Completei minha vítima; meu coração encheu-se de exultação e de diabólico triunfo. Batendo as palmas das mãos exclamei:
-Também eu tenho o poder da destruição; meu inimigo não é invulnerável. Esta morte lhe trará desespero, e centenas de outros infortúnios hão de atormentá-lo e destruí-lo (SHELLEY, 1999, p. 150).

Disposto a permanecer entre os humanos, o “monstro” se acha no direito de ter ao seu lado um ser feminino construído assim como ele, Victor até inicia a obra, porém, se arrepende e desiste, o que causa grande revolta na criatura:

O infeliz viu-me destruir a criatura de cuja futura existência dependia sua própria felicidade, e, com um uivo diabólico, desespero e desejo de vingança, afastou-se (SHELLEY, 1999, p. 173).

Como vingança, o “monstro” desafia todos os esforços humanos, mata Elizabeth, e foge ao alcance do criador:

Quando o monstro parecia estar contido, quase ao alcance de minhas mãos, minhas esperanças subitamente se foram: perdi seu rastro de forma mais absoluta do que jamais acontecera antes. Ouvei o mar rugir sob o gelo; o ribombar das ondas que rolavam sob meus pés tornava-se cada vez mais terrível e ameaçador. Apressei-me, mas em vão (SHELLEY, 1999, p. 212).

Victor morre, mas o “monstro” continua a solta, buscando novas vítimas a cada dia.

Diferentemente daquela época, quando se tinha medo das respostas aos tantos questionamentos sobre os segredos até então “guardados” pela religião, a ciência atual se gaba ao poder se aventurar por minuciosos caminhos, cumprindo o que diz Freud (s/d): por mais que tenha medo, o ser humano nunca desistirá da busca pela resposta aos diversos questionamentos que o intriga. E isso é válido, pois enquanto dotado de inteligência, o ser humano é capaz de descobrir segredos que tendem a melhorar a condição de vida na terra. E a ciência, sua aliada nessas pesquisas minuciosas e sutis, oferece meios eficazes para a obtenção de respostas concretas. Daí, questionamos: quais as vantagens e as desvantagens que o acelerado progresso científico traz para a humanidade? A busca pela cura de doenças, melhoramentos genéticos, a construção de objetos eletrônicos capazes de auxiliar nos afazeres, entre outros, são sim, muito importantes, porém, tudo isso não deve conduzir à perda dos valores familiares, religiosos e sociais que ajudam no ajuste do caráter humano.

Referências

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FREUD, Sigmund. O estranho; O mal-estar na civilização. In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

_____. O estranho. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

GOTLIB, Nádia B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2002.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PAES, José Paulo. As dimensões do fantástico. In: **Gregos & Baianos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RADU, Florescu. Mary Shelley e o romance gótico. In: _____ **Em busca de Frankenstein: o monstro de Mary Shelley e seus mitos**. São Paulo: Mercury, 1998.

ROCQUE, Lucia de La; TEIXEIRA, Luiz Antonio. **Frankenstein de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura**. Rio de Janeiro.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein or the modern prometheus**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Romance gótico: persistência do romance. In: _____ **Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII**. São Paulo: Bomtempo, 2002, p. 118-135.

_____ **A formação do romance inglês: ensaios teóricos**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: FAPESP, 2007.

WATT, Iam. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe Richard e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.